

Mirna Pinsky

Faz de Conta

Ilustrações de Paula Ambrosio



Formato

Projeto de trabalho interdisciplinar

Guia do professor

Este projeto interdisciplinar tem como objetivo auxiliar o professor na mediação da leitura da obra *Faz de conta*. Para isso, apresenta não só orientações para o professor explorar com os alunos a linguagem, as ilustrações, o enredo, etc., mas também sugestões de atividades interdisciplinares e de leitura para aprofundamento dos temas aqui abordados.

Adequação à BNCC

Faz de conta permite trabalhar com os alunos principalmente as seguintes habilidades socioemocionais: argumentação, autoconhecimento e autocuidado, comunicação, empatia e cooperação.

Colocar-se no lugar do outro é um exercício que, por si só, a literatura possibilita, independentemente do tema de que trata, conforme demonstra a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

[...] destaque-se a relevância desse campo [artístico-literário] para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente.

BNCC, 2017, p. 139.

No campo das competências gerais da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), esta obra trabalha seis das dez preconizadas pela BNCC. São elas:

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

[...]

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

[...]

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BNCC, 2017, p. 10.

A obra pode ser trabalhada no 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, seja por meio da leitura em grupo, que auxilia na consolidação da linguagem escrita, seja como exercício autônomo de leitura.

Assim, a leitura de *Faz de conta* propicia desenvolver nos alunos as seguintes habilidades como objetivo de aprendizagem:

Campos de atuação / unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Estratégia de leitura	<p>(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.</p> <p>(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.</p> <p>(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.</p> <p>(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.</p>
	Formação do leitor literário	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
	Formação do leitor literário/ Leitura multissemiótica	(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
	Compreensão	(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
	Compreensão em leitura	(EF03LP12) Ler e compreender, com autonomia, cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero carta e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
	Aspectos não linguísticos (paralinguísticos) no ato da fala	(EF15LP12) Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.
Análise linguística/ semiótica (Alfabetização)	Formas de composição de narrativas	(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Escrita colaborativa	(EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

ARTE		Escrita autônoma e compartilhada	(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.
	Análise linguística/ semiótica (Alfabetização)	Conhecimento do alfabeto do português do Brasil/ Ordem alfabética/ Polissemia	(EF04LP03) Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta.
		Forma de composição do texto	(EF03LP17) Identificar e reproduzir, em gêneros epistolares e diários, a formatação própria desses textos (relatos de acontecimentos, expressão de vivências, emoções, opiniões ou críticas) e a diagramação específica dos textos desses gêneros (data, saudação, corpo do texto, despedida, assinatura).
	Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Escrita colaborativa	(EF03LP13) Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
	Artes visuais	Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
	Música	Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
	Teatro	Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
		Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
		Processos de criação	(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

CIÊNCIAS	Vida e evolução	Características e desenvolvimento dos animais	<p>(EF03CI04) Identificar características sobre o modo de vida (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam etc.) dos animais mais comuns no ambiente próximo.</p> <p>(EF03CI06) Comparar alguns animais e organizar grupos com base em características externas comuns (presença de penas, pelos, escamas, bico, garras, antenas, patas etc.).</p>
MATEMÁTICA	Grandezas e medidas	Sistema monetário brasileiro: estabelecimento de equivalências de um mesmo valor na utilização de diferentes cédulas e moedas	(EF03MA24) Resolver e elaborar problemas que envolvam a comparação e a equivalência de valores monetários do sistema brasileiro em situações de compra, venda e troca.
		Problemas utilizando o sistema monetário brasileiro	(EF04MA25) Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.
HISTÓRIA	A noção de espaço público e privado	A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	(EF03HI10) Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.

ANTES DE LER O LIVRO

Motivação para a leitura

1. Pergunte aos alunos o que o título sugere do enredo. Levante hipóteses com eles. Explore o significado de “faz de conta” perguntando, por exemplo: “Vocês já brincaram de faz de conta?”.
2. Observe com os alunos a capa e as ilustrações. Quantos personagens há na capa? Como eles se relacionam com o título?
3. Peça aos alunos que identifiquem a ilustradora. Explore o traço e as cores da capa.
4. Leia com eles o texto de quarta capa. Algo mudou sobre as ideias até então levantadas sobre o livro?
5. Proponha aos alunos que conheçam a autora e a ilustradora. Leiam juntos a biografia delas nas páginas 63 e 64.

DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

1. Após a leitura do livro, motive os alunos a expor o que acharam da narrativa. Inicialmente, deixe-os livres para traçar as próprias considerações sobre o enredo. Em seguida, solicite a voluntários que recontem, com as próprias palavras, a história que leram.
2. Pergunte aos alunos o que eles acham que é “faz de conta” e o que acham que de fato ocorreu na narrativa, ou seja, o que era imaginação de Nina e o que era realidade. Leve-os a perceber que, dentro da narrativa, tudo é possível, pois é uma história de ficção: os animais falam e escrevem, uma gata pode ser transformada em cachorro, um sabiá pode usar armadura, etc. No mundo real, entretanto, alguns desses acontecimentos não são possíveis. Mesmo assim, algumas atitudes de Nina e Maneco, dentro da narrativa, não passavam de imaginação dos personagens, numa grande brincadeira. Peça aos alunos que deem exemplos.

O brincar de faz de conta e a infância

Brincar de faz de conta começa por volta dos 2 anos e meio de idade, podendo ir até os 6 ou 7 anos. Segundo Vygotsky, a brincadeira de faz de conta é o campo de liberdade de ação dos pequenos. Nessa atividade, a criança é livre, e são as regras da vida social, ocultas na situação imaginária, que transformam essa liberdade em ilusão.

Porém, mesmo na situação imaginária há regras. São regras sociais que, na vida real, podem criar conflitos ao contrariar o desejo da criança. A brincadeira de faz de conta é o cenário em que ela pode agir de acordo com determinado papel, mas, ao interpretá-lo, precisa seguir o que as regras ditam; do contrário, a brincadeira acaba. E ela sabe disso. Daí ser uma atividade dramática o aspecto mais importante e não a resolução do conflito em si ou a satisfação de certos desejos. O essencial é a tomada de consciência, por parte da criança, da existência de regras.

É por meio do faz de conta que a criança aprende sobre si mesma e sobre o mundo à sua volta, pois começa a interagir com ele: quando brinca, representa papéis, inventa interações e imagina enredos. Toma consciência de que os pensamentos de uma pessoa podem diferir dos seus e de que há uma variedade de perspectivas além das individuais.

Basicamente, essa atividade estimula quatro áreas do desenvolvimento: intelectual (por meio da criatividade, matemática, aplicação de conhecimentos, uso da linguagem, etc.); físico (coordenação motora e espacial); social (introjeção dos papéis sociais, identificação do próprio papel dentro de uma estrutura familiar e/ou social, exercício de compartilhar, etc.) e emocional (desenvolvimento da independência, reconhecimento de intenções e de sentimentos positivos ou negativos, etc.).

Ao imitar as atividades dos adultos, a criança transforma as referências que tem em oportunidade para desenvolver habilidades sociais, como a resolução de problemas e a empatia. Ela constrói a própria autoestima quando se dá conta de que pode ser o que quiser, do jeito que quiser. E, por fim, em situações imaginárias, a criança pode enfrentar o próprio medo e explorar novidades, tornando-se mais bem preparada para enfrentar essas situações reais no futuro.

Baseado em: www.dentrodahistoria.com.br/blog/familia/desenvolvimento-infantil/brincar-de-faz-de-conta-importancia-para-criancas/; www.tempojunto.com/2015/05/03/brincar-de-faz-de-conta-estimula-o-desenvolvimento-geral-das-criancas/; www.psychologytoday.com/intl/blog/beautiful-minds/201203/the-need-pretend-playin-child-development (em inglês); <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9807>. Acesso em: 21 jun. 2020.

3. Juventino escrevia cartas para Nina. Galileu conversava com ela e tinha uma oratória tão boa, a ponto de ser narrador de alguns capítulos. Pergunte aos alunos por que, na opinião deles, diferentemente dos outros animais, a gata Milena não fala na narrativa. Incentive-os a usar a imaginação e acolha as respostas. Então, pergunte: “Se a gata Milena falasse, o que ela diria?”.
4. Peça aos alunos que identifiquem quais são os capítulos narrados por Nina e quais são os narrados por Galileu. Em seguida, solicite a eles que comparem o nome dos capítulos “Galileu se intromete e conta um pedaço desta história” e “Dona Nina brinca de médico e se esquece de mim!”. Embora ambos sejam narrados pelo personagem Galileu, o título do primeiro está na terceira pessoa e o do segundo, na primeira pessoa. Pergunte aos alunos por que os capítulos foram nomeados assim. Espera-se que eles percebam que o primeiro capítulo narrado por Galileu tem o título na terceira pessoa para introduzir ao leitor a diferença de narrador em relação ao capítulo anterior.
5. Conversando com Estela e Jonas, Nina se atrapalha e fala “alegria” em vez de “alergia”. Proponha à turma uma brincadeira com outras palavras em que a troca de posição de uma ou mais letras muda o significado da palavra. Por exemplo: maca/cama; paca/capa; galo/lago; mago/goma, etc. Se os alunos demonstrarem dificuldade, sugira que troquem uma ou mais letras de uma palavra por outras letras, não necessariamente da mesma palavra, por exemplo: grama/grança; corvo/curva; careca/cabeça/capela; tesouro/tesoura/cenoura, etc.
6. Com algumas palavras encontradas pelos alunos na atividade anterior é possível montar versos rimados, como no primeiro bilhete que Juju escreve para Nina. Explore esse bilhete, na página 27, e solicite aos alunos que identifiquem as palavras que rimam (dizer/você/conhecer/escrever). Em seguida, organize a turma em duplas e peça a cada uma que escreva um bilhete como o de Juju, utilizando rimas. Pode ser um bilhete a um familiar, a um colega, ao professor, etc., desde que seja breve, escrito em quatro linhas e tenha rimas.
7. Transcreva no quadro os excertos abaixo, grifando as palavras em destaque:

“Mas a Milena só queria saber de berrar e me arranhar. Abriu uma brecha *deste* tamanho no meu braço, [...]” (p. 10)

“Foi fácil carregar a Milena até a cozinha, porque prometi um osso *deste* tamanho pra ela.” (p. 21)

“[...] o lixo do banheiro ficou *assim* de papel.” (p. 26)

“Isto aqui está *assim* de piratas!” (p. 38)

“Dona Nina abriu uma boca *deste* tamanho [...]” (p. 46)

Pergunte aos alunos se, devido ao destaque, eles leram essas palavras de alguma forma diferente. Espera-se que eles tenham entendido que a ênfase dada às palavras por meio do itálico geralmente está associada a um gesto. No caso de “*deste tamanho*”, todas as ocorrências levam a imaginar um gesto com as mãos separadas, indicando um tamanho grande e/ou exagerado. Já a expressão “*assim de*” indica o gesto que fazemos unindo e separando os dedos de uma mão ao polegar para indicar intensidade, quantidade. Essa é uma oportunidade de trabalhar a habilidade (EF15AR19) da BNCC, demonstrando aos alunos que, mesmo em um texto escrito, a indicação da entonação, quer por um destaque, quer pelo próprio contexto, é um elemento teatral. Que outros gestos associados a palavras ou expressões utilizamos no dia a dia que indicam essa teatralidade?

Outra possibilidade é organizar com a turma a representação teatral da última carta que Juju escreve para Nina, retratando o diálogo que ele tem com a Tartaruga, que requer dos alunos certa dramatização nas palavras “f-r-i-i-i-a”, “ge-la-a-a-a-da”, “pre-gui-i-i-i-ça”, por exemplo. A encenação não precisa necessariamente ter o aluno como ator/protagonista. Eles podem ser organizados em duplas e eleger algum material disponível na sala de aula para representar os personagens Juju e Tartaruga, ressignificando esse material para praticar o diálogo.

8. Nina não gostava do próprio nome: Catarina. Preferia que a chamassem pelo apelido. O nome próprio está fortemente veiculado à autoestima, assim como os apelidos. Aproveite a oportunidade para conversar com os alunos sobre o nome deles. Pergunte a eles se gostam do próprio nome, se gostariam de ter outro nome, qual e por quê. Conduza uma atividade de pesquisa para que eles procurem o significado do próprio nome e também o do nome de alguns personagens da narrativa, se possível associando o significado deles à personalidade desses personagens. Incentive-os a perguntar aos pais ou responsáveis o motivo de terem escolhido o nome que lhes deram. Pergunte também se, em casa, a família adotou algum apelido carinhoso para eles e por quê. Leve-os a perceber que Juju é uma forma carinhosa de chamar “Juventino” e instigue-os a inferir o verdadeiro nome do personagem Maneco (provavelmente Manuel).

Por fim, trabalhe com os alunos a questão do *bullying* relacionada à atribuição de apelidos jocosos ou ofensivos a colegas, lembrando a eles que Nina não gostava do próprio nome também por causa disso: era chamada de “Catarrina-Catarrona” e alvo de piada. Promova um exercício de empatia: Se os alunos estivessem no lugar da Nina e/ou do colega que recebeu um apelido assim, como eles se sentiriam?

Curiosidade

O nome “Galileu” vem do hebraico e significa “proveniente da Galileia, pessoa nascida na Galileia”. A Galileia é uma região situada no extremo norte de Israel, que tem destaque no Novo Testamento, pois, segundo a *Bíblia*, foi onde Jesus começou a fazer suas pregações.

Foi às margens do mar da Galileia — que na verdade é um pequeno lago com pouco mais de 15 km de uma margem a outra — que Jesus convidou alguns pescadores para serem seus apóstolos. Também é nessa região que está o rio Jordão, onde Jesus foi batizado, e o local onde ele fez a multiplicação dos pães e dos peixes.

A personalidade mais importante que recebeu esse nome foi o astrofísico italiano Galileu Galilei, construtor do primeiro telescópio da história e também um dos principais defensores da liberdade intelectual. Em 22 de junho de 1663, Galileu Galilei foi considerado herege e sentenciado à prisão domiciliar, além de forçado pelo Tribunal da Inquisição a repudiar as ideias que defendia, no caso o modelo do astrônomo polonês Nicolau Copérnico, de que a Terra girava em torno do Sol e de que o Sol estava no centro do Sistema Solar.

O nome “Galileu” também é associado, portanto, à honestidade e à determinação.

Baseado em: www.dicionariodenomesproprios.com.br/galileu/; www.bbc.com/portuguese/internacional-52803301. Acesso em: 21 jun. 2020.

9. Releia com os alunos este trecho da página 41:

- Galileu é nome. Pensei que você fosse o Galileu da Nina.
- Nina? Nina também é nome?
- Nina é apelido, quer dizer, uma espécie de nome. Qual é o seu nome?
- Não tenho. Nunca tive um nome. Deve ser bonito ter um nome. Você tem, peixinho?
- Tenho. Chamo-me Juventino, mas a Nina me chama de Juju.
- Que bonito! Também queria ter um nome.
- É muito fácil, é só escolher. Escolha!
- Nicolau da Maria.

Converse com a turma sobre a importância e a função do sobrenome. No caso do trecho acima, “da Maria” é o sobrenome que o passarinho escolheu. Explique aos alunos que o sobrenome de uma pessoa é a parte do nome dela associada à família a que ela pertence, ou seja, à ascendência. Também é bastante útil para diferenciar pessoas com o mesmo nome. Pergunte a eles se identificam alguma regra na formação dos sobrenomes. No Brasil, por exemplo, geralmente pessoas com dois sobrenomes têm o primeiro sobrenome proveniente da família da mãe e o segundo (ou, principalmente, o último, no caso de mais de dois sobrenomes) da família do pai.

Solicite aos alunos, então, que façam uma entrevista com os familiares para montar uma espécie de árvore genealógica de sobrenomes da família, identificando, por exemplo, qual sobrenome prevalece mais. Para que o diagrama da árvore genealógica não fique muito extenso, instrua os alunos a pesquisar no máximo três gerações da família.

Sugerimos consultar o *site* <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/a-origem-sobre-nome.htm> (acesso em: 21 jun. 2020) para mais informações e curiosidades sobre a origem dos sobrenomes.

10. Na página 28, Nina diz: “Tinha qualquer coisa dentro de mim que me dizia isso — e eu acreditei”. Pergunte aos alunos como se chama essa “coisa”. Espera-se que eles reco-

nheçam o sentimento chamado intuição. Caso não o identifiquem, nomeie-o para eles e, juntos, tentem defini-lo. Que outros sentimentos aparecem no enredo? Solicite aos alunos que localizem esses sentimentos com base no contexto, em palavras e expressões dos personagens nas ilustrações. Releia também, com os alunos, a afirmação que Galileu faz: “Não consegui convencer dona Nina de que um pouco de cautela é fundamental em toda situação nova. Não sou medroso: sou cauteloso” (p. 17). Qual é a diferença entre medo e cautela? É prudente ser cauteloso em situações novas? Solicite voluntários para contar experiências nesse contexto.

11. Ainda explorando a questão dos sentimentos, peça aos alunos que estabeleçam uma comparação entre os personagens Galileu e Juju. Lembre-os de que tanto um peixe quanto um pássaro são presas de felinos, como a Milena. Como eles reagiram à ameaça de serem capturados pela gata? Espera-se que infiram que, pelo fato de ser destemido e querer explorar o mundo, Juju se aventura ralo afora, ao passo que Galileu, mais comedido e cauteloso (ou seria “medroso?”), prefere ficar trancado em sua gaiola.

Se desejar, extrapole a comparação para o mundo real: a insegurança, muitas vezes, impede as pessoas de arriscar algo novo; porém, subestimar os perigos e as adversidades pode ser imprudente.

Paralelamente a essa atividade, pode-se desenvolver um trabalho interdisciplinar com Ciências, solicitando aos alunos que comparem as características de ambas as espécies: peixe e pássaro, descrevendo *habitat*, alimentação, modo de vida, forma de reprodução, etc. Assim, as habilidades (EF03CI04) e (EF03CI06) da BNCC podem ser trabalhadas.

12. Maneco era zoadado pelo irmão por brincar com uma menina. Ele o chamava de “bichinha”. Se desejar, retome com os alunos o tema *bullying*, embora a ênfase aqui recaia sobre estereótipos de gênero. Você pode introduzir o assunto por meio da música “Menino/Menina” (composição de Vange Milliet e Paulo Lepetit, faixa 8 do CD *Com a corda toda*, do grupo musical Gangorra, selo Sesc, duração 3’50”). Na impossibilidade de acessar a música, leia para a turma a letra da canção (disponível em: https://issuu.com/edicoessescsp/docs/livreto_gangorra_final, páginas 14 e 15).

Se achar conveniente, explore com os alunos o significado de “bichinha” para levantar o conhecimento prévio que porventura eles tenham da palavra e combater preconceitos. Com delicadeza e tato, conduza a conversa sobre o respeito às diferenças, explicando que as escolhas que as pessoas fazem, de quem elas gostam ou não, concernem apenas a elas e não devem ser julgadas pelos outros.

13. Providencie com antecedência tiras de papel, preferencialmente de duas cores diferentes. Distribua duas tiras, uma de cada cor, para cada aluno. Pergunte a eles: “Qual é o seu maior desejo? E qual é a sua maior birra?”. Oriente-os a escrever o desejo em uma das tiras (por exemplo, na de cor amarela) e a birra na outra. Eles não precisam se identificar nas tiras. Dê alguns minutos para que eles pensem no que querem escrever e concluam a redação nas tiras. Enfatize que eles devem usar a imaginação. Em seguida, recolha as tiras e agrupe-as

por cor em dois saquinhos ou caixas. Solicite voluntários para irem até a frente da sala de aula e retirem uma tira de cada saquinho/caixa, lendo-as em voz alta. Se o aluno que as escreveu quiser se identificar, pergunte a ele por que ele tem aquele desejo/birra. Alterne os alunos para ler as tiras a fim de compartilhar com toda a turma os desejos e birras de todos os alunos. Há desejos e birras comuns? Estão relacionados a consumo, a sentimento, a passeios, a medos? Quais são os mais engraçados? Os mais “doidos”?

14. Solicite aos alunos que leiam este excerto da página 16:

“Dona Janice estava fora de suspeita, porque aquele era o dia de seu Osvaldo arrumar a casa. E também não fora seu Osvaldo, porque ele tinha sumido, como costuma sumir sempre que é sua vez de arrumar a casa”.

Pergunte aos alunos se, na casa deles, as tarefas domésticas são divididas entre todos os que lá moram. Acolha as respostas. Promova uma discussão com a turma sobre a importância da divisão de tarefas na família independentemente de gênero ou de idade, enfatizando que a divisão de tarefas é uma questão de colaboração, de coletividade e de pertencimento ao local onde moramos. Caso haja alunos que não participam das tarefas domésticas, incentive-os a ter iniciativa de propor aos pais ou responsáveis alguma função para si (por exemplo: ajudar a recolher o lixo duas vezes por semana, lavar a própria bicicleta uma vez por mês, ajudar a dar banho no cachorro, caso tenham um, etc.).

15. Transcreva no quadro os excertos abaixo e solicite aos alunos que, com a ajuda de um dicionário e levando em conta o contexto, definam as palavras destacadas:

- a) “Eu, que tenho um medo **escalafobético** de grito [...]” (p. 14)
- b) “Um verdadeiro **facínora**. Ou melhor, *uma* verdadeira **facínora**.” (p. 23)
- c) “E ela permanecerá **hermeticamente** fechada, quando assim nós o desejarmos, sem possibilidade de ser **devassada** por elementos estranhos.” (p. 46)
- d) “A Estela estava **escarrapachada** no banco [...]” (p. 48)
- e) “Será que esse tesouro realmente existe? Será que ele é tão **deslumbrante** quanto ouvi falar lá na minha terra?” (p. 60)

Ressalte para os alunos que a palavra “facínora” não sofre flexão de gênero e que, no item “c”, é preciso procurar a palavra “hermético” no dicionário, uma vez que a maioria dos advérbios terminados em *-mente* não são dicionarizados. Ainda no item “c”, convém explicar que a palavra destacada é um verbo conjugado, de modo que eles devem procurar o significado de “devassar”, no infinitivo.

16. Continuando o trabalho com a linguagem, peça aos alunos que localizem, na narrativa, algumas expressões muito utilizadas na linguagem oral. Espera-se que eles identifiquem “o maior fofoqueiro da paróquia” (p. 10), “de meia-tigela” (duas ocorrências, uma na página 14, outra na 15), “passar maus bocados” (p. 23), “caiu a ficha” (p. 45) e “Botamos os piratas no chinelo” (p. 58). Explore com eles essas expressões de modo que, com base no contexto e no conhecimento prévio que tenham, infiram o significado delas. Em seguida, pergunte a eles se costumam usar alguma(s) dessas expressões quando se comunicam ou se já ouviram alguém as utilizando.

17. Em busca do mar e de aventura, Juju se enfiou no ralo da pia e nadou encanamento adentro. Para tranquilizar Nina, escrevia cartas contando como estava indo a viagem, os lugares por onde passava, os amigos que fazia... Com os alunos, observe todas as cartas que ele escreveu (importante ater-se ao gênero discursivo carta, uma vez que Juju também escreve bilhetes para Nina). O que essas cartas têm em comum? Espera-se que eles identifiquem a estrutura desse gênero discursivo: o endereçamento, a linguagem, a despedida, a divisão em parágrafos, etc. Esclareça à turma que as cartas geralmente têm o local e a data em que foram escritas e, dependendo do grau de formalidade entre o destinatário e o remetente — aproveite para explicar esses termos, caso os alunos não estejam familiarizados com eles —, podem trazer cumprimentos no início e no final.

Organize a turma em grupos de quatro alunos e peça a eles que definam quem vai mandar uma carta para quem, de modo que o aluno A mande uma carta para o aluno B; o aluno B mande uma carta para o aluno C; o aluno C mande uma carta para o aluno D e este mande uma carta para o aluno A. Oriente-os quanto ao tema: pode ser uma carta que narre uma aventura ou um passeio que fizeram ou mesmo uma carta para contar ao colega o que o peixinho Juju encontrou no mar depois da última missiva que enviou à Nina. Ressalte que a carta deve conter local, data, nome do destinatário, saudação, despedida e assinatura. Se possível, incentive os alunos a trocar endereços e postar as cartas nos Correios.

18. Na página 42, Juju tem a seguinte conversa com a água:

— Peixinho, eu não quero que se vá. Mas, se você tiver de ir, não vou segurá-lo. Só que não posso deixar de gostar de você tudo que gosto. E é muito.

Fiquei triste, com medo de magoá-la. Tive de dizer:

— Mas se eu só sei gostar de você um pouquinho...

Ela ficou em silêncio. Senti que ficou triste. Depois repetiu:

— Não posso deixar de gostar de você tudo que gosto. E é muito, muito.”

Pergunte aos alunos: “Quando a gente gosta mais de alguém do que esse alguém de nós, a intensidade do gostar tem de ser recíproca?”. Discutam sobre expectativas, trabalhando a habilidade socioemocional da empatia, ou seja, o colocar-se no lugar do outro. Há jeitos diferentes de gostar e de demonstrar o amor e a afeição, o que não significa que eles não existam. Esperar que o outro demonstre a afeição, a amizade ou qualquer sentimento da mesma forma como nós demonstramos pode gerar frustração e desentendimentos desnecessários. Aproveite a oportunidade para discutir com os alunos conceitos como generosidade, voluntariado e gentileza.

Atividades interdisciplinares

Tum-tum-tum, paft, pum – Música

1. Peça aos alunos que tragam de casa materiais recicláveis, como latas, caixas, garrafas PET, tampinhas, enfim, materiais dos quais eles possam extrair algum som, por meio de sopro, batuque ou outra intervenção corporal. Esses materiais podem ser providenciados também pela escola. O objetivo é trabalhar a habilidade (EF15AR15) da BNCC e tentar produzir com esses materiais, associados, se necessário, a materiais

escolares como lápis, caneta, régua, capa dura de livro ou espiral do caderno, os sons descritos por Juju na carta de despedida que faz a Nina: fuim-fuim, zum-zum, chuuá-chuuá, lept-lept-lept, tuiiiiiim, etc. Amplie a atividade produzindo outros sons e peça aos alunos que os registrem por escrito.

Faz de conta que é verdade – Matemática

2. Esta atividade dialoga com a área de Matemática, pois os alunos vão fazer um exercício com grandezas e medidas para trabalhar as habilidades (EF03MA24) e (EF04MA25) da BNCC.

Com antecedência, providencie material que possa servir de moeda ou cédula de dinheiro. Pode ser dinheiro de mentira de algum jogo, moedas ou fichas de jogo de tabuleiro, etc. Caso o material não tenha valor registrado nele, atribua um valor a cada um. Oriente os alunos a trazer de casa um folheto de supermercado.

No dia da aula, peça aos alunos que localizem na narrativa a quantia em dinheiro que Nina e Maneco encontraram no tanque do parque. Espera-se que eles identifiquem “dez moedas de um real”, ou seja, dez reais. Pergunte a eles o que acham que é possível comprar com essa quantia. Então, solicite que localizem no texto quanto dessa quantia os meninos gastaram e em quê. O esperado é que se lembrem de que Nina comprou um sorvete de casquinha com quatro reais. Pergunte, então: “O que vocês acham que dá para comprar com o dinheiro que sobrou?”

Distribua o material que você providenciou com antecedência para que os alunos tenham “dinheiro”. Eles podem ser organizados em grupo, caso não haja material suficiente para os alunos trabalharem individualmente. O objetivo é que realizem um exercício para simular a compra dos produtos do folheto de supermercado que trouxeram. Quanto dinheiro eles têm? O que querem comprar? De quanto precisam? Quanto sobra de troco? Podem parcelar o valor total da compra? Alguns integrantes do grupo podem ser os vendedores e outros os compradores fazendo, assim, o dinheiro “circular” por meio de troco. Aproveite a oportunidade para trabalhar o conceito de consumo consciente e explicar que não são apenas produtos que podem ser adquiridos com dinheiro, pois também pagamos por serviços.

Ao final da atividade, peça aos alunos que registrem o que compraram, quanto custou, quanto gastaram e quanto ainda lhes sobrou.

Onde é? É meu, é nosso? – Geografia

3. No final da narrativa, ainda à procura do tesouro, Nina diz:

“Andamos bastante. Só tinha prédio, casa, venda e açougue. O número trezentos custou a chegar. Depois, foi a quadra do duzentos e, quando chegou no cem, começamos a andar mais devagar. Estávamos bem suados e cansados. [...] Próximo ao número 150 havia uma sequência de terrenos baldios, cujo mato tinha sido capinado pouco tempo antes. Andamos um pouco sem ver casa alguma, quando, de repente, topamos com uma construção esquisitíssima”. (p. 53)

Pergunte aos alunos se eles já repararam na numeração das edificações quando andam na rua e se sabem qual é o método utilizado para essa numeração. Explique que, no Brasil, a numeração é crescente a partir do centro da cidade, ou seja, o menor número de uma casa em determinada rua indica que ela está mais próxima do centro da cidade do que a última casa dessa rua, que tem número maior.

Esta atividade trabalha a habilidade (EF03HI10) da BNCC. Peça aos alunos que identifiquem na narrativa os espaços públicos e os espaços privados. Espera-se que eles apontem o apartamento da Nina, o clubinho, o prédio onde ela e Maneco moram, a venda, a loja de doces e o açougue como espaços privados, e o parque, o campinho e a rua como espaços públicos. Pergunte aos alunos se a garagem do prédio de Nina e Maneco, onde eles armam o clubinho, é público ou privado. Espera-se que eles reconheçam tratar-se de um lugar privado, porém de uso coletivo dos condôminos do prédio. Estabeleça, então, um parâmetro entre os espaços privados coletivos e os espaços públicos, utilizados coletivamente, levando os alunos a perceber que os espaços públicos, apesar de aparentemente não terem “dono”, são de todos e, portanto, devem ser cuidados por todos. Caso o conhecimento prévio da turma seja o de que os espaços públicos são “do governo” (da gestão pública), desconstrua com eles esse conceito, enfatizando que o governo não é “proprietário” de nada, apenas administra o espaço que é coletivo e zela por ele, como se fosse um grande zelador desse espaço.

Por fim, solicite aos alunos que desenhem um mapa que represente a quadra onde moram e indicando nele o que é espaço privado e o que é espaço público. Dependendo da habilidade da turma, o mapa pode incluir outras quadras. Caso tenham dificuldade, instrua-os a pedir auxílio aos pais ou responsáveis, de modo que possam identificar com mais facilidade essas localidades e, se for o caso, a saírem acompanhados para uma volta no quarteirão.

Leia também

A casa do meu avô, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática, 1998. Uma forma poética de se familiarizar com rimas, sentimentos e sensações que mostram personagens muito especiais: um avô protetor, um jardineiro mágico...

A fada que tinha ideias, de Fernanda Lopes de Almeida. 28. ed. São Paulo: Ática, 2007. Clara Luz é uma fadinha que não gosta de seguir as lições do Livro das fadas. Com muita imaginação, seu prazer é inventar as próprias mágicas.

A ilha de chocolate, de Karen Dolby. São Paulo: Scipione, 2003. Se quiserem vencer o Concurso de Bolos de Chocolate, Quindinho e Mel terão de encontrar o chocolate mais gostoso do mundo. Mas onde achá-lo? Na Ilha de Chocolate, é claro! Lá existe um poço onde brota o melhor chocolate jamais provado. No entanto, para chegar à misteriosa ilha, eles precisam seguir algumas pistas.

Felpe Filva, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna, 2006. Felpe Filva, famoso poeta, é um coelho solitário. Até que um dia recebe uma cartinha de uma fã que discordava do conteúdo pessimista e dramático de alguns poemas que ele escrevia. Injuriado com o atrevimento da fã, Felpe inicia uma troca de correspondência com ela.

Um passarinho me contou, de José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1998. O poeta brinca com o nome dos bichos, faz adivinhas, prega peças e também conta histórias e diverte com piadas em 16 poemas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 fev. 2020.

KAUFMAN, Scott Barry. The need for pretend play in Child Development. *Psychology Today*. 6 mar. 2012. Disponível em: <http://www.psychologytoday.com/intl/blog/beautiful-minds/201203/the-need-pretend-play-in-child-development>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PRESTES, Zoe. A brincadeira de faz de conta e a infância. *Trama Interdisciplinar*, São Paulo, maio/ago. 2016. v. 7, n. 2, p. 28-39. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9807>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SOUZA, Kadya da Silva. *O faz de conta na educação infantil*. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_12.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.